

Abstract: O Autor começa fazendo uma pergunta: O que fazer, quando a solidariedade produz a “guerra” e não a paz? E, refletindo sobre o tema da CF 2005 ecumênica, constata que, freqüentemente, os que sustentam posicionamentos solidários aos pobres e, principalmente, aos sem-terra, encontram cerrada oposição. Descreve uma experiência vivida aqui em Florianópolis, no campus da UFSC, experiência que o fez evocar a parábola dos operários da vinha, segundo Mateus (Mt 20,1-16). Aqueles que não sabem solidarizar-se com os “últimos” são os que têm o “olho mau”, seu corpo permanecendo em trevas. A seguir, perguntando “como refazer o brilho do cristianismo solidário”, o Autor mostra que é preciso reconhecer que “a vinha não é nossa”, e que “seus frutos são para todos”, e que “essas coisas deviam ser nossos assuntos na mesa do Pão e da Palavra”. Concluindo, afirma que “só a solidariedade faz nossos olhos bons”, e que “só ela pode nos dar um corpo pessoal, social e cósmico, luminoso”.

The question arises when a common effort to promote solidarity among social groups gives rise to war instead of peace. In view of this year's oecumenical “Campanha da Fraternidade” the author concentrates his thought on people who are active among the poor and those deprived of land where to live and work are opposed to each other. As a case study he mentions a situation on the campus of UFSC while a group discussion was under way on the parable of the laborers in the vineyard (Mt 20:1-16). He applied the concept of those who were “last” to the people who had bad eyesight and thus their body was in darkness. The question arises about what should be done in order to brighten up Christianity by means of an increase of solidarity. He suggests that the gifts of Bread offered on the altar and the Word of God being proclaimed in the Church should be distributed not just to the faithful but to larger groups of people so as to spread solidarity in the world.

A solidariedade nos faz ser um corpo luminoso

*Luiz José Dietrich **

* O Autor é Doutor em Ciências da Religião, Assessor do CEBI e professor no ITESC.



Introdução

O que fazer, quando a solidariedade produz a “guerra” e não a paz? A Campanha da Fraternidade deste ano tem como tema Solidariedade e Paz. Como sempre, uma temática muito oportuna. A solidariedade de fato está bastante ausente de nossa sociedade. Há bastante assistencialismo. O assistencialismo pode minimizar alguns efeitos mais urgentes, nocivos e violentos, causados justamente pela falta de solidariedade que impera em nossa sociedade. A ausência da solidariedade torna-se flagrante e até inquestionável quando se analisa, só para se falar de algo mais concreto, a questão da terra no Brasil, que nunca fez uma reforma agrária de fato – antes ao contrário – ou a questão da distribuição da renda. Aqui todos os indicadores revelam um perverso processo de concentração e segregação, que já vem de muito tempo atrás, e que não pára de aprofundar-se.

Entretanto, o que é ainda mais assustador, é que nas discussões dos assuntos ou dos movimentos ligados à luta contra a concentração de terras e de rendas, podemos perceber que a falta da solidariedade não está só nas relações e estruturas econômicas, mas parece já estar também na estrutura mental de muitas pessoas. Isso reflete-se na sua forma de pensar a sociedade, em sua maneira de posicionar-se frente às outras pessoas, principalmente aos pobres em geral e aos sem-terra em especial. Nesse campo geralmente imperam absolutos, secundados por uma vasta corte de preconceitos, o individualismo e o egoísmo. Aqui muitas vezes se vê o contrário do que almeja alcançar a Campanha da Fraternidade deste ano: a solidariedade, que sustenta posicionamentos solidários aos pobres e, principalmente aos sem-terra, freqüentemente encontra “guerra” e não paz! Quem de nós ainda não viveu ou presenciou alguma situação assim? E isso dentro de nossas comunidades cristãs. Talvez o pior seja que, mesmo dentro de muitas comunidades cristãs, são muito poucas as pessoas que se escandalizam com a falta de solidariedade e partilha.

1. Um caso em foco

Não faz muito tempo vivenciei uma situação assim. Um conflito forte, onde não faltaram tensão, agressões, incompreensões, preconceitos, individualismo, mas também estavam presentes a ação conjunta e a solidariedade. O *show* já ia começar. Havia fila de gente ansiosa diante das bilheterias. Arnaldo Antunes, ex vocalista dos Titãs, lançava seu disco “Saiba”, em Florianópolis. As pessoas chegavam, quase todas com vestes chiques, vistosas, perfumadas. Sapatos e roupas da moda. Cada



ingresso custava 40 reais. Para os estudantes, o preço era a metade. Muitos reclamaram. Era muito caro. Ainda mais que era num espaço público, parte da Universidade Federal de Santa Catarina.

Não muito longe dali, na concha acústica, havia um grupo de uns 80 jovens. A sombra das árvores deixava passar somente alguns raios de luz, não dava para ver bem o que acontecia. Mas era uma reunião e eles pareciam saber o que queriam. Do lado de dentro do Centro de Convenções da Universidade, pela primeira vez usado para a apresentação de um cantor, as pessoas procuravam seus lugares. O palco já estava montado, o cenário era visível. Faixas de pano largo e transparente iam do chão até o teto.

Na hora de começar, a massa de jovens começou a se movimentar. Vinha em bloco da concha acústica, na direção da rampa de acesso ao *show*. Agora eram bem visíveis. E audíveis. Gritavam palavras de ordem: “A UFSC é de todos!”; “Arnaldo Antunes, cadê você? Eu vim aqui só pra te ver!” Esse grupo era muito diferente dos que estavam lá dentro ou nas filas para comprar ingressos. Roupas simples. Maioria, de calças *jeans* e camisetas com mensagens. Várias com o rosto sorridente de Che Guevara. Muitos, com roupas pretas bastante usadas e antigas. Via-se que gostavam de comprá-las em brechós.

Iniciou-se um tumulto, mas rapidamente eles alcançaram a grande parede transparente de vidros grossos onde ficava a entrada. Quatro guardas de segurança rapidamente fecharam as portas: “Só entra quem tem ingresso na mão!” A massa de estudantes se empurra contra as portas de vidro. Os guardas usam a força para controlar a estreita passagem. Toda a estrutura range. Parecia que tudo ia quebrar de um momento para outro. Os estudantes batem com a palma das mãos nos vidros. Tudo treme. Há muita tensão no ar. Muita gente gritando. A agressividade cresce. Começava a haver perigo. Mais quatro guardas chegam. As portas são abertas para não serem quebradas. Os guardas agora formam duas filas. Por onde só passavam duas pessoas agora havia umas vinte pessoas se espremendo/sendo espremidas. Uns empurrando para fora e muitos empurrando para dentro. Toda aquela parede envidraçada podia estourar e centenas de pedaços de vidro, grandes e cortantes, cairiam sobre as cabeças daqueles que lutavam no saguão.

Finalmente, chega alguém da produção do evento e decide-se que os estudantes podem entrar. Por sorte não haviam sido vendidos todos os ingressos e a parte superior estava toda vazia. Os estudantes foram orientados a ocupar aquela parte.



2. O individualismo dá o *show*

A essas alturas, o *show* já estava com quase uma hora de atraso. Enquanto os estudantes estão se sentando, algumas pessoas da platéia levantam-se e gritam contra os estudantes: isso é “um absurdo”, “uma falta de educação”, “baderna”! Alguns mais exaltados até os insultavam. Mas também havia pessoas que aplaudiam a atitude dos estudantes, gritavam palavras de incentivo e apoio, batiam palmas enquanto eles entravam. O bate-boca agora acontecia na platéia. Alguns diziam: “Pô, eu tive que ralar para conseguir 40 reais para pagar o ingresso e esses baderneiros entram de graça!” Outros falavam: “Vão trabalhar, seus vagabundos!”; “Se vocês não têm dinheiro, não venham atrapalhar o lazer de quem trabalha!”

Lembrei-me da parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20,1-16). Os trabalhadores foram contratados para trabalharem na vinha de um “pai de família”. Os primeiros foram contratados às 6 da manhã, por um denário por dia. Outros às 9 da manhã, ao meio-dia e às 3 da tarde. Mas o proprietário saiu ainda às 5 da tarde para contratar mais trabalhadores. E a parábola tem seu ponto alto na descrição da hora do pagamento. Às 6 da tarde, o pai de família começa pagando aos últimos, que trabalharam somente uma hora. E inesperadamente paga a todos a mesma quantia: um denário. Todos, independentemente das horas trabalhadas, receberam a mesma quantia. Este pai de família parece estar seguindo Dt 24, 14-15: “Não oprimirás um assalariado pobre, necessitado, seja ele um dos teus irmãos ou um estrangeiro que mora em tua terra, em tua cidade. Pagar-lhe-ás o salário a cada dia, antes que o sol se ponha, porque ele é pobre e disso depende a sua vida. Desse modo ele não clamará a YHWH contra ti, e em ti não haverá pecado.” (Também cf. Lv 19,13).

Mas os trabalhadores que foram contratados às seis da manhã, explicitamente por um denário, ficaram revoltados com o fato de os outros, que trabalharam menos, terem recebido a mesma quantia. E murmuraram contra o dono da vinha. Este, porém, disse que não lhes fazia “injustiça”, pois haviam combinado exatamente um denário. Ele quer dar a todos o mesmo pagamento. Afirma que tem o direito de fazer o que quer com o que é dele, e recrimina os trabalhadores perguntando a um deles: “O teu olho é mau porque eu sou bom?” Eles estão reclamando não pelo que receberam, que era mais ou menos o salário normal para um dia de trabalho, e o suficiente para o sustento de uma família. Reclamam da generosidade do pai de família, dando a todos, também aos “últimos”, este mesmo pagamento.



3. Olho mau, corpo em trevas

E foi isso que me fez lembrar a parábola. Os vinhateiros que estão reclamando não estão sendo solidários com os outros, não ficam felizes por todos saírem da vinha com o sustento de suas famílias garantido por mais um dia. Resmungam. Não há solidariedade. Há somente individualismo. Não pensam nos outros, nas pessoas, talvez idosos, talvez crianças que dependiam daquele denário. Até mesmo a sua felicidade e a dignidade de poder levar para casa o sustento de sua família, são diminuídas para ficarem reclamando.

No caso do *show* foi algo parecido. Aqueles que haviam resolvido seus problemas individualmente, pagando, não queriam aceitar que os outros, que buscaram uma solução coletiva para assistir ao *show*, pudessem fazê-lo, de graça. Alguns inclusive disseram que o fato de esses terem entrado sem pagar “estragou a noite”. Quer dizer: a simples possibilidade de outras pessoas terem acesso gratuito, a coisas que eu paguei, me incomoda.

Muitas pessoas, mesmo em nossas comunidades, também não aceitam muito bem o final da parábola do pai de família, que dá a todos o necessário para o “pão” daquele dia. Isso é estranho, para não dizer escandaloso, porque o cristianismo tem como centro a partilha do pão.

4. Como refazer o brilho do cristianismo solidário?

A partilha realizada no centro do ritual cristão não tem finalidade em si mesma. Não deve fechar-se em si. Mas deve promover relações solidárias fora e longe da mesa, nas casas, nas ruas, nos locais de trabalho e também na vida pública, na política, na organização da sociedade. A partilha do pão nasceu ao redor de uma mesa, em casas de família abertas aos pobres das periferias das grandes cidades do império romano. Guarda esse espírito comunitário, que deve ser resgatado e promovido. Não quer ser somente celebração de indivíduos que se encontram com o seu Deus pessoal. O Deus da partilha do pão é antes de tudo o Deus Mãe/Pai *nosso* (Mt 6,9-13), que nos faz irmãos e irmãs, numa única e grande família. Não só deveríamos alegrar-nos quando os pobres conquistam um pedaço de terra ou uma casa para morar e viver decentemente, mas mesmo lutar para que isso aconteça. A Eucaristia, como celebração ritual da prática da partilha do pão feita em nome, no seguimento de Jesus, deveria nos levar a cumprir o mandamento evangélico: “*Sede misericordiosos-*



solidários (oiktirmôn), como o vosso Pai é misericordioso-solidário” (Lc 6,36).

Mas estamos ainda longe disso. Em muitos lugares também as eleições foram decididas pela negação da solidariedade. Propostas solidárias, para diminuir a grande dívida social que nosso país tem para com seus trabalhadores, foram deixadas de lado, atendendo unicamente a interesses individuais, às vezes muito mesquinhos, como a simples venda ou barganha do voto. Políticas de benefício aos mais pobres foram derrotadas, porque exigiu-se o pagamento de algumas taxas dos mais ricos e abastados.

É essa também a orientação de muitos discursos contra o pagamento dos impostos. Temos de reconhecer que a carga de impostos é excessiva e não volta como benefício à população. O sistema tributário é injusto. Há muita corrupção e desvio de dinheiro. Mas, quando se propõe taxaço maior para quem é mais rico, há uma gritaria generalizada. É certo que precisamos de mais justiça nessa área. Necessitamos de um sistema de impostos e de realizações públicas que promovam a distribuição de rendas, que diminuam a escandalosa desigualdade social que existe em nossa terra, dolorosamente visível em cada uma de nossas cidades. Precisamos lutar para que os impostos pagos de fato retornem em benefício de uma sociedade melhor para todos.

A simples pregação contra os impostos tem por trás a crença de que o governo, o Estado, devem ausentar-se da sociedade e que tudo deve ser resolvido no mercado. Mercado significa dinheiro. Vender o que se tem para obter dinheiro para comprar o que se necessita. Saúde, escola, transporte, terra, casa, água, esgotos, infra-estrutura pública, nada disso deve ser “dado” pelo Estado. Isso não deve ser assunto do governo, pois é “negócio” de empresas privadas. Tudo isso deve ser realizado mediante pagamento dos usuários.

Muitas vezes em nossas comunidades sobressai o sentimento dos trabalhadores que reclamaram, porque os que trabalharam menos receberam o mesmo que os que haviam trabalhado mais. Uma racionalidade bipolar, imediatista e individualista, contrapõe justiça e solidariedade.



5. A vinha não é nossa, seus frutos são para todos

Mas talvez a imagem da vinha possa também nos ajudar nisso. As vinhas costumam ser plantações passadas de geração em geração. São produto do trabalho de muitas mãos, são fruto do suor de muitas pessoas. São produtos coletivos. As videiras são resultado do transplante de cepas, que ao longo de muitas gerações vão sendo adaptadas às condições climáticas e às características do solo onde estão sendo cultivadas. Uma videira geralmente é fruto do empenho e da observação de muitas pessoas. Um processo longo, uma vez que as primeiras plantas desenvolviam-se como plantas rastejantes, depois mais tarde foram plantadas junto a árvores e posteriormente cultivadas presas a estacas ou sobre varas elevadas ou arames esticados. É um processo milenar, pois que de uma ou duas cepas, submetidas a processos de adaptação a diferentes regiões do mundo, derivaram-se centenas de qualidades de uvas brancas, rosadas e vermelhas. A possibilidade de hoje se ter uma vinha deve-se ao esforço desses milhares de pessoas e de gerações que participaram da adaptação das cepas primitivas e da transmissão dos conhecimentos referentes ao seu manejo e ao seu aproveitamento, como vinho ou de outra maneira.

Algo semelhante são as nossas cidades, a nossa sociedade. Não existiriam sem o trabalho e o conhecimento realizado por milhões de pessoas e milhares de gerações. As bases dos aglomerados urbanos, como também das sociedades, são como uma cepa transplantada de outros povos, de outras culturas, mas que se adapta às condições de cada localidade.

Isso que dissemos acima a respeito da vinha e das cidades vale para quase todas as coisas. Na verdade, quase tudo é fruto de uma imensa cadeia de realizações, descobertas e transmissão e elaboração de técnicas e conhecimentos. Olhando desse modo, quase tudo é produto social. Porém, nós estamos acostumados a compreender as coisas a partir de nós, ou somente a partir de nosso trabalho. Não percebemos o mundo como fruto do trabalho de muitos que vieram antes de nós. Não percebemos o quanto somos devedores a outras gerações, aos negros africanos, aos habitantes originários destas terras.

Quem é proprietário de terra ou de uma empresa, quem está empregado, quem tem alguma maneira de ganhar dinheiro e sobreviver, é levado a pensar que tudo depende somente de seu esforço, de seu trabalho, de seu dinheiro. Na verdade, ocupamos um lugar privilegiado numa longa corrente de trabalho, de esforço e de investimento, feito por todas as gerações, culturas e povos que viveram e trabalharam antes de nós. O



que acontece hoje é que muitos dos descendentes dessa gente que de algum modo é responsável pelas coisas e pelas cidades que temos hoje, foi sendo gradativamente alijada do direito de usufruir dos resultados de seu trabalho. O conhecimento, as técnicas, os produtos, as cidades, tornam-se propriedade privada. Os benefícios de todo esse longo processo são apropriados por uns poucos, que fazem dessa apropriação uma fonte de enriquecimento pessoal ou familiar. Muita gente é impedida de ter acesso a esses bens, que foram coletivamente produzidos.

Assim como a riqueza e o desenvolvimento de muitos dos países ricos de hoje está baseado na exploração e na acumulação das riquezas e do trabalho realizado em suas antigas colônias, que hoje quase sem exceção são os países pobres; muitas das fortunas que existem dentro dos países também estão relacionadas com a acumulação de terras ou de riquezas do tempo da escravidão ou da apropriação privada de benefícios produzidos a partir do esforço, dos investimentos e dos bens públicos.

Devíamos pensar as nossas cidades como sendo a vinha onde atuamos. E pensá-las de um modo mais solidário. Como produto não somente do nosso trabalho, compreendendo que todos os que hoje estão aqui, direta ou indiretamente, através de seus antepassados, das culturas que representam, são também responsáveis por tudo o que temos hoje. E por isso todos deviam ter acesso aos benefícios de uma vida boa, a uma vida com dignidade. Tenham eles trabalhado muito ou pouco. Os critérios da solidariedade deveriam vir antes do que os critérios de uma justiça baseada nos méritos individuais e imediatos. Sem o trabalho, sem o esforço, sem os investimentos, sem a transmissão de conhecimentos que se dá através das culturas nós não poderíamos viver, não estaríamos nem na idade da pedra, nem teríamos o fogo, e nem teríamos desenvolvido a domesticação de animais, a agricultura. Não haveria possibilidade de tantas pessoas viverem juntas e ao mesmo tempo. Morríamos todos de fome.

Não fomos nós que construímos as cidades em que vivemos hoje, nem nós que as tornamos viáveis, mas hoje, de um modo ou de outro, dependemos de suas estruturas para a nossa sobrevivência. Por que então não sermos mais solidários? Por que então não aceitar e não lutar para que todos e todas possam ter os benefícios de uma vida digna?



Conclusão

Essas coisas todas deviam ser nossos assuntos na mesa do pão e da palavra. Nós, que somos os filhos e filhas do pão partilhado, devíamos reorganizar nossas reuniões, celebrações, ritos e nossas práticas, no sentido de treinar e fortalecer em nós a solidariedade. Aprender a olhar os outros e as outras como nossos irmãos e irmãs, sentir-nos parte deles e eles como parte de nós. Sermos um/uma. Diminuir em nós esse “olho mau”, como diz a parábola (Mt 20,15), porque o Senhor também diz que “*Os olhos são a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso. Se, porém teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas*” (Mt 6,22-23). Só a solidariedade faz nossos olhos bons. E só ela pode nos dar um corpo pessoal, social e cósmico, luminoso. E a paz será o brilho maior de uma sociedade assim fundamentada.

Endereço do Autor:

Servidão Lucas Vidal Cardoso, 88
Córrego Grande
88037-400 Florianópolis, SC
email: luizdietrich@ig.com.br